

1903
Jaime de Magalhães Lima

Camilo e a renovação do sentimento nacional na sua época

Conferência realizada na sala
da Biblioteca do Liceu de Aveiro,
em a noite de 16 de Março de
1925, durante a sessão solene
promovida pelo corpo docente
daquela casa de ensino em co-
memoração do primeiro cente-
nário do nascimento de Camilo
Castelo Branco.



1925

Tip. Progresso (a electricidade)
AVEIRO

1957/02/20

REGISTO N.º 8582



008582



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

FUNDO
LOCAL

De quanto é uso aperceber-nos para julgar a grandeza dos génios e dos talentos, de tudo me acho absolutamente desprovido, agora que tento divagar sôbre a grandeza de Camilo e com vergonha me encontro completamente ignorante dos seus incertos passos neste mundo. Os costumes literários mais em voga querem que dos grandes homens conheçamos a vida inteira, desde os lençóis do berço em que foram embalados até às tábuas do esquife em que foram á sepultura. De caminho se saberá o que cada um amou e o que cada um aborreceu, se preferiu a galinhola á perdiz e os agriões aos espinafres, quantas juras proferiu na impaciência, onde morou e também onde namorou, que gente o cercava e que gente o afagava ou torturava, e o rol da penúria dos seus bens ou das folgas da sua algibeira, se tinha dívidas ou se prodigalizava generosidades. Nada será de mais; é colher, colher tudo, o ouro e o cisco, as bençãos e as misérias; por artes de dilatação, de tudo se fará instrumento de interpretações sibilinas. Não há mínimos nestas inquirições. Podendo ser, que não falte a medida do pé; bom será basculhar os arquivos do sapateiro. Não sou eu que invento semelhante diligência. Byron não lhe

escapou, e a tempo se lhe alcançou o depoimento do seu sapateiro. Por sinal se averiguou que o defeito que o fazia coxear, era coisa leve, insignificante.

De toda a bagagem d'este género me sinto em extremo indigente nesta hora. Nada sei desta vida muito rasteiramente temporal de Camilo, embora não ignore que ela constitui hoje uma biblioteca formidável. A devoção calorosa com que a sua memória é amada e a admiração com que a sua obra é contemplada e louvada, não deixaram perder nem a mais leve poeira do seu rasto; tudo guardaram como depósito sacratissimo para instrução dos vindouros.

Eu, porém, apressado e desatento, não lhe interroguei os arcanos, e—o que porventura será mais rematada insensatez—cheguei a convencer-me de que, se essa curiosidade afreimada e ávida dos vestígios da existência terrena dos grandes homens muitas vezes lhes pode acrescentar a estatura e os glorifica e e eva esclarecendo a justiça, outras tantas vezes será o agente devastador que os mingúa e põe rasos como o chão, quando não os elimina por completo da comunhão dos eleitos. A curiosidade, em matéria de reputação dos grandes homens, tanto pode acender-lhes luzeiros como aplicar-lhes corrosivos; se nem sempre é uma ruína e em maré de benignidade tem podido significar resplendor e uma coroação, nas horas negras é um veneno que induz em prostração, e sempre será uma audácia em que corremos risco de agravar aqueles mesmos que pretendíamos louvar, desastradamente, na melhor das intenções lhes ofendendo os seus legítimos e incontestáveis direitos.

Que desgraça não representa na vida de Cícero

aquela célebre carta de Tessalónica, quando a caminho do exílio escrevia a *Terência e á sua querida Túlia e ao seu filho!* Nem sabia o que dizer-lhes, confessava, porque tal era o abatimento do espirito que só de pensar na mulher e na queridissima Túlia, logo pagava a lembrança com um mar de lágrimas. E assim, porque uma bem inspirada afeição da parte dos que receberam a carta e um prudente cuidado da parte de quem a mandou não se apressaram a desfaze-la em cinzas, de modo que do testemunho da fraqueza de um homem verdadeiramente grande nada restasse, eis que o despiram daquela magestade do consul revestido de dignidade que nos habituáramos a ver erguido no senado, fulminando Catilina. Uma vulgar infantilidade chorosa eclipsou na desgraça a antiga grandeza.

Li há pouco uma apreciação das cartas íntimas de James Boswell o famoso autor da vida do Dr. Johnson, e aí se punha muito justificadamente em dúvida o direito e a liberdade de devassar sem limites a vida dos grandes homens. O autor dessas observações conta que um crítico americano moderno, «falando de certos romancistas que discutem publicamente matérias que o instinto geral dos homens sentiu que deviam ser reservadas e manter-se absolutamente fora de toda a discussão, chamava a êsse uso, e com justiça, «casos de arrombamento e furto imperfeito das casas». E pergunta se a reacção contra as hipocrisias, convenções e mentiras da época da Rainha Vitória, de Inglaterra, nos obrigaria, a todos, a adoptar semelhantes modos; se o génio não tinha seus direitos de reserva e recato, e se era justo e recto publicar confissões que qualquer sacerdote em seu ministério ouviria em segredo e confi-

dência. ; Não haveria em tal matéria nada a distinguir entre o que um autor legasse? Respondendo, e em conclusão, dizia: «Vergílio queria que a *Eneida* fôsse queimada. A *Eneida* era fortuna demasiado avantajada para se tornar em propriedade privativa de um só homem, ainda mesmo que êsse homem o seu criador fôsse, e aquilo que êle não podia sequestrar, muito menos o poderia destruir.

; Mas quem é que ficaria prejudicado se nada se conhecesse das imoralidades particulares de Boswell?»

Há muito passou a provérbio o asserto de «não há homem notável para o seu criado de quarto». E temo que se vamos a dar largas á curiosidade e por ela nos constituímos em criados de quarto de todos os grandes homens, como por nossas aturadas diligências procuramos, não há notabilidade que nos resista. Acabaremos de vez com a grande maioria, senão com a totalidade, das notabilidades que povoam a história e nos exaltam. Remexendo-lhes as gavetas e apalpando-lhes as camisas, iremos até os despojar inteiramente de quanto lhes protege o pudor, não raro e ao fim descobrindo que no seu corpo se poderiam contar tantas feridas e sinais de enfermidade e caducidade como as que molestam e desfeiam os mendigos da estrada semi-nús. Se há estátuas com pés de barro e o rosto de mármore, o mais rudimentar bom gosto, quando outro impulso não nos mova, manda desviar dos pés de barro e da sua miséria os nossos olhos e volve-los para a face de mármore ostentando ao sol a formosura. Quando por piedade com o próximo não fôsse, seria pelo zêlo salutar da nossa própria alegria e felicidade.

Depois, a microscopia histórica, tal qual a micros-

copia geológica ou orgânica e, a-final, toda a análise, re-
presenta invariavelmente uma anatomia e as fragmenta-
ções e mutilações obrigadas correlativas. De forma que
a sua tendência, senão a sua condição nemésica, será
destruir o rochedo por amor de lhe observar a poeira,
quebrar o cristal para lhe apalpar a substância, dar a
morte à criação e à vida para prescrutar a célula, der-
ruir o templo para lhe descobrir os alicerces. Um ponto
haverá em que o saber e a sua ansiedade e rigor de
exame degeneraram em vandalismo, porque homens há e
monumentos que são um bloco, indivisível, e tentar di-
vidi-los é sacrilégio. Como em nossos engenhos econó-
micos—a máquina deixa de ser máquina e tornou-se um
granel informe desde que se desconjuntaram e desliga-
ram e desordenadamente amontoaram as peças que a
cumpunham.

Estas são as razões pelas quais eu, não podendo
desculpar a minha profunda ignorância dos copiosos do-
cumentos que hoje esclarecem a vida temporal de Ca-
milo e a gestação das suas obras, pretendo, sem enganar
ninguém, tornar em virtude a falta, imaginando que a
sua grandeza nada sofre, se é que não lucra, quando a
contemplarmos na sua perfeita integridade, a salvo e in-
demne de toda a preocupação de origem e composição,
e imposição de condições externas, a toda a distância
necessária para lhe medir a altura e receber a irra-
dição. Assim me encontrarei face a face com a alma e
a obra de Camilo, tal qual peregrino inculto que na mu-
dez do deserto as descobrisse, passando piedoso, e ape-
nas piedoso, desprevenido, sem avistar ou suspeitar nu-
vens que as envolvam nem interrogar intérpretes que as
decifrem e decompanham em seus elementos.

Deixemos pois o homem mortal em quem a divindade encarnou para mais íntima e fielmente adorarmos os deuses que nas suas obras se revelaram e aí elegeram morada.

Conrad, o romancista célebre, disse que «o melhor modo de ver uma individualidade é talvez lançar-lhe os olhos rapidamente, e nada mais.» O que me induz a aventurar que é inflamando-nos em uma scentelha da sua emanção e não afundando-nos em suas frias cinzas que poderemos reviver em nosso espírito toda a estatura e feições de uma individualidade poderosa. A humildade cristã adverte-nos de que o homem é pó e em pó se volve. Mas, em quanto se ergue do pó e antes que em pó se desfaça, haverá uma pausa em que é homem, espírito e filho de Deus.

Procuremo-lo nesse estado.

* * *

Nada sei da vida de Camilo. E' certo. Não ocul-tarei todavia que bem ou mal, por êrro ou por acêrto, sôbre a vida de Camilo me deixei possuir de uma grande suspeita—e é que essa vida que passa por ter sido tumultuosa em extremo, seria uma vida comum, vulgarmente agitada, se descomunal não fosse a sensibilidade de quem a padeceu.

Em regra, a vida com os seus conflictos, dores, prazeres, necessidades, e abastanças, e severidades e carícias, será aproximadamente igual para todos nós. A natureza é imperturbavelmente equitativa, pouco inclinada a favores e privilégios; a todos oferece alternadamente o seu mel e o seu fel, e o que torna tão diferente

a vida para cada um de nós, são os termos da docilidade ou revolta ou indiferença ou descontentamento ou exaltação em que recebemos os rigores e as carícias da natureza. A felicidade ou a infelicidade, por não dizer a virtude e o vício, estarão apenas em a nossa alma, que é mudável, que não nas coisas adstrictas à fatalidade cósmica que é inexorável. Porque um homem ficou órfão, tanto pôde debilitar-se pelo abandono como fortalecer-se por instintos de defesa: tudo depende do seu temperamento. Porque um homem nasceu débil, tanto lhe pode medrar a astúcia e a prudência como a timidez; e porque a sorte o talhou em fortaleza, tanto pode dilatar-se lhe a generosidade como a rapacidade. Amou? O amor tanto exalta dedicações como precipita despotismos; será como fôr o peito em que habita, o character da sua sensibilidade congénita é que ha-de determinar-lhe a attitude e os impulsos perante uma ordem do mundo comum a toda a existência. A pobreza tanto pode alvoroçar ambições e ódios como alentar desprendimentos e humildade. Sempre, a mesma experiência reage por diferentes vias conforme o nosso íntimo, o que Deus nos deu, e aqui é a fortuna e a santidade, e além será a calamidade e o pecado. Êste é o mistério e a ironia da criação; e êste será o segredo eterno das fatalidades psicológicas e seus desígnios.

Ora Camilo teria tido por condição do seu génio a benção ou a maldição de sentir o mundo em tal amplitude e susceptibilidade que não lhe foi difficil, antes se lhe tornou habitual, mudar em abismo todo o degrau que houvesse de descer ou de subir, ver nos seixos da estrada rochedos ciclópicos, e em toda a ortiga uma tragédia, e em toda a lagrima um oceano de amargura, e em todo

o sorriso uma fonte divina de bens paradisiacos inextinguíveis. O seu poder de inflamação participava do milagre; a mais mortífera faúlha, viesse donde viesse, do amor ou da aversão, da antipatia ou do affecto, era um incêndio,

Mais, a sua sensibilidade impetuosa e indisciplinada, replicando arrebatadamente a todo o estímulo, sem regra a que se sujeitasse ou que a moderasse, seria além de desordenada nos movimentos em que respondesse à provocação, desordeira nos apetites que a incitavam; com uma curiosidade insaciável, quiçá por vezes de uma candura infantil em suas desenvolturas, parece deleitar-se em desmanchar o que achou fundado e sólido e em rasgar entranhas, tanto da reputação dos homens como das emoções da alma. E como neste pendor não tinha tempo de mudar de lanceta, usando uma para o próximo e outra para si, daí veio que a cada passo se feria e sangrava copiosamente, onde outros de mediano sensibilidade comum passariam sem maior esforço, acautelados e incólumes. Assim foi que quando com a cegueira incurável o infortúnio se lhe apossou da velhice a desgraça só teve a opor a violência e, para a vencer e se isentar da sua tirania, respondeu-lhe com a exaltação suprema e suicidou-se.

Na verdade, eu não posso conceber a constituição de Camilo senão naqueles precisos termos em que Bellessort concebeu o génio de Balzac, cuja obra, nas palavras do ilustre crítico, *qualités et défauts respire la puissance*—tomando esse poder que se lhe atribui, como faculdade mestra da sua actividade, por uma fonte de energia tão copiosa em volume como inalterável em sua substância, e infinitamente renovada e presente em

toda a conjuntura. Nas qualidades e nos defeitos, diz Bellessort julgando Balzac; e nas qualidades e defeitos assistirá a toda a obra de Camilo, ainda mesmo onde ela haja perdido por tumultuosa, por não se ter submetido a selecções, castigos e eliminações que a impetuosidade dos artistas não tolerou, galgando por cima do seu clamor como se apenas fossem estôrvos que empecessem o caminho e retardassem a jornada. Pela força indomável que o movia tinha pressa de chegar ao termo, e logo aborrecia pausas e delongas, ainda as mais urgentes, e muito menos consentiria em qualquer altura hesitações ou retrocesso e recomêço.

Esta impressão de poder, esta vibração de uma força incoercível segue-nos e domina-nos em toda a obra de Camilo, é manifesta em todos os modos da sua arte, no escárnio como no louvor, na ira como na mansidão, na ternura como na dureza. Pode ser justo ou injusto, apagado ou resplendente, sóbrio ou pleonástico, delicado ou rude; o que porém jamais será, é frouxo. Ainda quando poderia parecer entorpecido, latejam-lhe no peito e na voz frémitos gigantescos, certo rugido longínquo de ondas do mar. Se não temesse engolfar-me em redemoínhos hiperbólicos, eu diria que Camilo é essencialmente vulcânico, quer nas torrentes de lava candente subterrânea que o agitam, quer nas cinzas frias e descoradas que lança pelos ares.

Nêste ponto me calarei para escutar o que de Camilo nos disse um homem de reais e notabilísimos talentos, que honrou a sua terra e a sua gente, e ao qual infelizmente as gerações modernas não terão por certo tributado em apreço das suas obras e merecimentos toda a gratidão devida a quem por seus feitos

honestamente enalteceu a nossa pátria e o nosso povo. Refiro-me a Pinheiro Chagas, cujo estudo de Camilo, juntamente com os de Ramalho Ortigão e Teófilo Braga, precede a 15.^a edição do *Amor de Perdição*, e será ainda hoje em seus pontos capitais definitivo.

Esse nos diz: «Um dia, quando Alexandre Dumas acabava de publicar um daqueles épicos romances, em que revivia, ao sôpro da sua imaginação, uma época inteira da história de França, Michelet escreveu-lhe: *Je vous aime, parce que vous êtes une des forces de la nature*. Ao percorrermos a obra colossal de Camilo Castelo Branco, sentimos uma impressão semelhante. A sua individualidade destaca-se poderosamente no meio da literatura anémica e bizantina dêste fim de século». «A sua obra imensa e múltipla tem acima de tudo um carácter eminentemente subjectivo; não é a «Comedia Humana» de Balzac nem a «História natural de uma família» de Zola, não é o estudo de um observador que prescruta friamente os factos e que procura reproduzi-los, é a vibração da sua alma poderosa que se transmite ao leitor, é a sensação do mundo externo que êle comunica tal como a recebeu no seu potente cérebro. As figuras dolorosas, plangentes, apaixonadas, que passam nos seus livros envoltas em veus prestigiosos, são a encarnação pungente das suas próprias dores, dos seus affectos, das suas idealizações, dos seus extases, dos seus arrebatamentos; as figuras cómicas, burlescas, amarradas por êle perpétuamente ao pelourinho do ridículo, são ainda as suas indignações, os seus despresos, os seus tédios que tomam vulto e forma. O mundo que êle revela ao público é o mundo como êle o sentia, ainda mais que o mundo como êle o via». «Não se ar-

regimenta nas escolas... solta livremente o seu pensamento... abre, para a sua obra completamente pessoal, um largo caminho vitorioso»

* * *

Essa agitação poderosa do génio de Camilo vinha encontrar uma sociedade que era por natureza e condição a negação radical de todo o livre ímpeto do coração e a mais complexa e enredada architectura de compromissos e restricções que uma comunidade pode habitar.

O temperamento fogoso de Camilo topava de frente com uma sociedade enleada em reservas, falsos pudores e conveniências, recebendo as visitas na sala toda resguardada de cortinas que não deixassem penetrar de portas a dentro os olhares impertinentes, e não raro malévolos, da vizinhança, morando em casas de uma franqueza bastarda, simétricas quer na architectura e na disposição dos móveis, quer na repartição do espirito de que essas casas e essa architectura eram recatada habitação—simétricas na distribuição das janelas como na paridade das ideias, simétricas sobretudo e muito zelosamente na expansão e medida dos sentimentos cuja latitude estava rigorosamente pautada e graduada para cada hipótese, sendo entretanto de uma pobreza franciscana a parcimónia das hipóteses admissíveis; casas com duas escadas, uma para uso quotidiano da família, passando pela cozinha para não estragar os tapetes das repartições solenes, e a outra, a alcatifada, para os chás, para os cumprimentos, para as cerimónias e para as contumélías do patamar. Foi dessa sociedade, temendo

as intimidades como instrumentos de Satanás, abundada de sinais da cruz para afugentar máus preságios, tão temente a Deus e tão devota como escassamente piedosa e alheia a religião, e tão severa com os pecados alheios como habilmente indulgente na desculpa dos próprios erros, foi dessa sociedade astuciosamente proclamando a intangibilidade dos mandamentos da lei de Deus e logo os interpretando sem prejuizo das comodidades que eles nos podessem recusar—foi dessa sociedade que reinou com o liberalismo, que um grande filósofo inglês, Samuel Butler, disse que só uma coisa a escandalizava mais do que ouvir negar a divindade de Cristo, era ver pôr em prática os seus preceitos.

Desamando a espontaneidade e a candura e a simplicidade e uma corajosa franqueza, suspeitando-as de portadoras de grandes males, as classes que naquela hora imprimiam caracter á sociedade refugiavam-se para sua tranquilidade nas barricadas das decências, emaranhada trincheira de mentiras e cobardias de diverso grau e feição, legitimadas pela invocação de certo dever de estampilha que havia de servir a toda a gente, fabricado como era sem medida nem consideração dos diversssimos corpos mortais a que por força havia de se vestir.

Vinha Camilo encontrar em pleno triunfo o liberalismo e todo o modo de ser mental e concreto que lhe acompanhou o advento, e porque êsse liberalismo por muitas formas lhe constrangia os movimentos e lhe sufocava as aspirações e os apetites, logo e intuitivamente, por dom natural, se tornou de facto um dos mais destemidos e valorosos demolidores de tal sistema. As paixões, de que Camilo era sacerdote e missionário,

detestam simetrias, são ingenuamente assimétricas, o infinito dos impulsos é a sua lei; e o temperamento de Camilo movia-se só por paixões, outro império não consentia. A sua força e o seu poder nunca lograram oscilar em um pêndulo; despenhavam-se como o rochedo se despenha do cimo dos montes.

Camilo foi em data de nascimento o primeiro da legião magnífica de demolidores em que sucessiva e rapidamente se alistariam Antero, Junqueiro, Eça, Oliveira Martins, Ramalho, Teófilo Braga, Gomes Leal, José Sampaio (Bruno), Guilherme de Azevedo, Rafael Bordalo, e tantos outros, soldados humildes que nas palavras dos mestres juraram e sob as suas bandeiras combateram—legião notável, quer pelo espírito que a iluminou, quer pelas obras que concluiu, quer pela reforma mental que operou, talvez sem par em a nossa história, se exceptuarmos a pleiade gloriosa do romantismo que imediatamente a precedeu e a heroicidade dos navegadores do Renascimento

* * *

O liberalismo era um sistema de infinitos compromissos, não só de compromissos políticos, que são manifestos e evidentes, posto que talvez não sejam os mais profundos, mas também e sobretudo de compromissos estéticos, morais, religiosos, económicos e íntimos. Era um espírito de transigências e medianias que se intro-metia em toda a extensão da vida nacional e a afeioou às suas aspirações de equilíbrio; não era em hipótese alguma um estatuto, em todas sendo direcção e governo.

Um dia, na câmara dos deputados, um homem sin-

gular e excêntrico no pensar e no viver, mas de talento e character nobre, o Dr. Antonino José Rodrigues Vidal, que foi lente da Universidade de Coimbra, exclamou em pleno parlamento, com grande alvoroço da campanha presidencial, assomada em sua missão de ordem:— «Snr. Presidente! Eu sou republicano dentro dos limites da Carta!»

Muitos se scandalizaram pelo desrespeito que sonharam na apóstrofe do hereje irreverente, outros, o maior número, apenas se riram do desacato que attribuiam ao cómico paradoxo do leviano exaltado; mas hoje, se friamente atentamos na contradição imanente de tal asserto, logo ali se nos revela a simples expressão de uma daquelas inumeraveis contradições dos compromissos do liberalismo que autorizavam uma consituição dentro da qual e promiscuamente o republicanismo inovador e o absolutismo monárquico tradicional se alternavam em amiudadas juxtaposições, onde de conjugação e combinação não fossem susceptíveis.

E isto que por virtude da sua simplicidade se tornava claro e patente na ordem política, repassava entretanto toda a ordem das relações dos homens e da actividade do seu espírito, embora onde mais complexo fosse, menos prontamente se podesse distinguir. Era compromisso a literatura, por um lado guindada em exaltações românticas de cabeleira ao vento e por outro regrada e pautada na ponderação das formas clássicas, penteada, e até sujeita a rigorosa tonsura. Compromisso era a religião, ora alentando-se nos filtros vivificantes do espírito, ora abdicando, passiva e menos crédula, na prisões mortais da letra, sempre oscilando entre a obediência divina do Senhor e as complacências com o

mundo. Era compromisso a economia que mal proclamava os seus propósitos democráticos de repartição equitativa da riqueza, logo achava razões excelentes para fazer medrar na indústria as aristocracias capitalistas absorventes, incomparavelmente mais despóticas que o feudalismo territorial de outras eras. Era compromisso a moral, acautelada contra todos os extremos e tiranias de princípios únicos e para a qual os sete pecados mortais entravam a ser postos em simetria com as virtudes que os corrigem, de modo que a sua triste condição de reus não os vexasse demasiado, e virtudes e pecados podessem sentar-se fraternamente em o mesmo banco. Por hábil piedade se lhes facultava, aos pecados mortais, uma discreta porta de saída das encruzilhadas que podessem temer; e onde lautamente não os fartassemos, sempre lhes oferecíamos comodidades que os deixassem respirar tranquilamente. Porque entre a soberba e a humildade haveria um atalho em que dos espinhos de um e outro lado nos podessemos livrar, encaminhando-nos à dignidade de certo orgulho adubado de modéstia. Entre a avareza e a liberalidade poderia caber uma assisada providência que a um tempo dispensava de dar esmolas e de aferrolhar tudo nos cotres. Não fosse a luxúria tão maltratada que a despojassemos dos salutareos regalos de um comedido panteísmo, dispensando das severidades de uma castidade perfeita e cruel e honrando uma apolinea virilidade. Ficasse a paciência para património de santos que aos homens ser-lhes ia permitido quebrar o jejum do desafoço da ira imposto pelo catecismo; por uma bem entendida interpretação havia iras sagradas, queridas de Deus e por Deus aplaudidas e recomendadas. Era feio vício a gula, mas não fosse a temperança tão

mesquinha que nos regateasse a dieta suficiente para dar vigor ao corpo e uma folhinha de salsa para alegrar o paladar. Para que a caridade não esmagasse de todo a inveja e não a destituisse cegamente de suas incontestáveis virtudes de iniciativa e acção, não esquecemos, e muito menos repelíssemos a emulação que sem querer mal ao próximo, muito pelo contrário, o tomasse para exemplo onde melhor o achasse e nos instigasse a irmos de nível com a sua grandeza, nem mais alto nem mais baixo. E, finalmente, atenuássemos a diligência que houvessemos de opor á preguiça; não fosse ela tão despropositada que ofendesse o nosso pobre irmão, o corpo, e o privasse do repouso que êle insistentemente reclama, repouso diferente conforme a condição e compleição de cada um, casos havendo em que sem quebra de religião se poderia chegar a uma piedosa ociosidade absoluta.

Singularmente participava destas convenções do liberalismo a situação da mulher, dando ancha presa aos demolidores do sistema, muito especialmente áquelles que fossem atreitos a amores e ternuras, propensões tão arreigadas no temperamento nacional.

Nas lembranças do seu tempo que o poeta e filósofo inglês Eduardo Carpenter intitulou *My Days and Dreams*, achou «trágica na sua inanidade» a situação e o character ordinário das raparigas da gente abastada que ele conheceu, aí por 1860, aproximadamente. «Algumas e pobres prendas, muitos bailes, jantares e concêrtos, perdendo o tempo em ostentação e criticando se umas ás outras»—por esses meios as raparigas de então «ocupavam convenientemente o seu lugar na sociedade», única aspiração para que eram educadas.

Explica E. Carpenter esta indigência do espirito feminil naquela época, porque «as pequenas obrigações domésticas feminis animadas em épocas anteriores e mais simples haviam decaído, emquanto no grande mundo não tinha ainda penetrado a ideia moderna do trabalho, tanto que se pensasse nisso».

Ampliando um pouco a extensão de tão sagaz advertência e considerando-a na sua aplicação natural e lógica a todos os modos de ser da sociedade daquela época, rápida e inesperadamente enriquecida pela revolução industrial e pelo alargamento do comércio concomitante, não nos será difícil verificar as causas da penúria moral e estética do liberalismo, novo-rico, afortunado com as liberdades das suas fábricas e mais fazenda económica, acrescidas de liberdades de concorrência política e regalias e proventos governativos inerentes e acessíveis por assalto da astúcia ou da actividade e do talento. Subitamente elevado a potência dominante, de vara na mão antes de ter tido tempo de ser educado para senhor dos homens e das coisas, esse liberalismo desconhecia por condição as obrigações da riqueza, o seu uso legítimo e destino conveniente, ignorava os termos em que a riqueza se torna de cobiça sórdida em dignidade humana. E assim veio a encontrar-se orgulhoso do volume e resplendor da sua bagagem económica e simultaneamente constrangido pelo seu desmedido peso. Tão feliz no seu poder colossal de criação de bens temporais como distante ainda da arte de os nobilitar, ansioso por proclamar a vaidade de possuir e o êxito estupendo das aventuras arriscadas das suas fervorosas e temerárias ambições, não sabendo por que modos havia de dar testemunho público da

conquista de tanta riqueza improvisada, largou em busca de imitações da riqueza e da fidalguia antiga que a adornava, e pela inépcia dos noviços rudes a cada passo se tornava ridículo e cómico nesta faina.

O desgraçado tropel de ostentações, tão impacientes de admiração e prestígio como destituídas de senso estético, ofendia, porém, a sensibilidade dos espiritos realmente cultos, por propensão e distinção natural apartados da avidez da obsessão económica e do commercialismo reinante, a cujos proventos preferiam as beatitudes da elevação mental e sua desembaraçada expansão. E êsses, agravados pela arrogância da materilidade por igual vigorosa, cruel, intonsa e turvadamente ambiciosa de elegâncias e aplausos, êsses, com o zelo de crentes, e também com as suas cegueiras, iniciaram uma obra de demolição radical, para arrazar toda aquella soberba edificação liberal, em que tinham cooperado o génio portentoso de Herculano, a arte subtil de Garrett, a elevação moral dos Passos e os impulsos heroicos de José Estevão, e o saber de Mousinho, e a austeridade de D. Pedro V, e a escola de Rodrigues Sampaio. Sem destrinçar o que nessa edificação se continha de essencial e irredutível, na própria ignorância inflamaram seu irreflectido ardor, e de boa fé e com superiores talentos e admirável isenção correram, os demolidores, a aniquilar os lueros licitos e ilícitos do liberalismo, sem os estremar e comprometendo na ruína os danos e as insuficiências, quanto o liberalismo teve de nocivo e incompleto, e também quanto no liberalismo se encerrava de definitivo, vital, precioso, de todos os tempos, eternamente indispensável e nobre. Na opressão dos muitos e agudos males

contra os quais o seu espirito de redenção se revoltava intemerato, porventura contrapondo excesso a excesso, inexperiência a inexperiência e degeneração a degeneração; estranhos áquele senso das laborações evolutivas que lhes indicasse que alguma coisa inalienável se havia conquistado e arreigado e carecia de ser respeitada e mantida, os violentos iconoclastas precipitaram-se sem mais resguardo no assalto que ficará memorável pela coragem e valentia dos que nele se empenharam, pelas obras devéras notáveis que levaram a cabo e pela educação do país que dessas obras derivou.

Foi assim, nesta obscuridade do tumulto de combates nos quais não se poderam estremar e poupar as aspirações e os feitos que glorificam o liberalismo, e as aberrações, erros, excrescências e desenganos que na sua constituição se insinuaram, foi assim que entrou a esboçar-se certa restauração do passado mais ou menos íntegra e legítima, mandada por um novo espirito reformista, de diversos intuitos e alcance, com um inimigo comum mas com afeições e motivos diferentes em cada um dos que se juntavam para o combater e prostrar.

* * *

«A alma faz o corpo», no conceito de Leonardo de Vinci, e essa regra não tem excepção em todo o modo de ser individual ou colectivo. Mas também, paralelamente, a renovação das almas que de sua natureza é incessante, tornará precária a formação de todo o corpo que mal se cria logo muda, em uma inquietação infinita. Porventura a mutabilidade do pen-

samento e das coisas que êle afeiçoa á sua incoercível divagação essencial, esta sêde de mudar que é simultaneamente um instrumento de demolição e dissolução infatigável e o propulsor de criações sucessivas e cada vez mais complexas, onde por acaso não sejam mais belas, esta inquietação será talvez a única lei constante da ordem e do tumulto do mundo. Em todos os tempos terão de conviver, inseparáveis;—o descontentamento do presente e a saudade da fortuna do passado colorido de côres fascinantes pelo delírio da nossa imaginação,—e as aspirações que sonham e desenham e tentam praticamente venturas do futuro, que promovem com a antecipada e não raro traiçoeira segurança de que êsse futuro será melhor que o passado e o presente, de tal modo preparando desenganos que serão cópia autêntica dos desenganos passados e presentes em toda a sua ironia, por vezes densamente polvilhada de crueldades.

Foi o que Emerson muito lucidamente definiu onde disse :—«Alguna coisa predomina e eclipsa tudo o mais. Enxames de dissidentes, de fanáticos e de profetas estão sempre á espreita, como árabes no horizonte, no alto dos montes, esperando vez de se apoderarem do império. Nada fixo. O mundo é presa e domínio dos pensamentos. As narrações da história são falsas e utilitárias. Valem tanto como medir uma nuvem que neste momento não é maior que a copa de um chapéu, mas que antes mesmo de se lhe ter marcado e calculado o primeiro ângulo, já cobre uma extensão de milhares de metros. Os pensamentos não param na faina; são êles que criam o que nós chamamos o mundo.» O mundo, acrescentaremos nós, na

pluralidade das suas faces, políticas, morais, estéticas ou quaisquer outras, sem excluir os fenómenos chamados naturais.

Assim acontece que ao fim de algum tempo, senão em todo o tempo, os impulsos vitais do pensamento criador envelhecem, e o que ontem foi necessidade e fortuna será hoje convenção escusada e molesta. O rosto ainda liso ocultará a corrupção e a inanidade interior, e no íntimo já referve a dissolução. Então se amontoam os «sepulcros caiados», que a Bíblia aborreceu, e então surgem os demolidores do rebôco em falso a lançar ao chão o revestimento, picando as paredes e renovendo-lhes no interior a luz e o ar que hão-de animar a germinação de novas vegetações que as cubram e adornem. Esta foi a sorte do liberalismo, algum dia uma vaga prodigiosamente fecundante, e depois represada para dar lugar à expansão de profetas novos criados de 1830 a 1860— como anteriormente tinha sido a sorte do absolutismo clássico pulverizado pelo liberalismo, como agora, após a guerra de 1914, e principalmente por efeito da sua experiência calamitosa, está acontecendo com o materialismo florescente de 1875 até aos princípios do século XX, de cuja sordidez procuram apaixonadamente salvar-nos os mais altos espíritos contemporâneos. E a esta sorte não escapa a obra dos demolidores do liberalismo cujas manchas de caducidade são já manifestas e profundas em alguns pontos, convencendo-nos de que das suas altas torres nem todas ficarão de pé.

* * *

Foi por virtude desta lei de mutabilidade e fecun-

dação sucessiva das coisas pela renovação do pensamento a que obedecem, que um momento chegou em que o liberalismo se achou assaltado por um bando de inimigos poderosos.

Esses homens, porém, que vieram a condenar o liberalismo, congregaram-se chegando a um mesmo ponto por diferentes vias, penetrados de uma só e comum descrença, mas movendo-se por motivos diferentes. Uns vinham a combater as doutrinas e a sociedade filhas do liberalismo, porque o liberalismo roubára ao estado os poderes com que outrora o estado fortalecia as nações, ministrava a justiça e repartia os bens com caridade e sapiência; outros, muito ao contrário dos primeiros, alistavam-se na lide e esforçavam-se na batalha porque o liberalismo parára a meio caminho e não fôra até às conclusões últimas da dissolução do estado, que era necessário consumir; mais adiante outros acodem porque o liberalismo tolerava e até nutria e afagava as castas sacerdotais, nefastas nas lugubres visões da secularidade irritada e exigente, toda aterrada em visões nas quais descobria debaixo de cada batina um monstro voraz; outros ainda vinham a achar o liberalismo tão destituído de graça, elegância e bom gosto, tão acanhada e ridiculamente burguês que o perseguiam por autor de infinitas e corrosivas fealdades, fatal a mil delicadezas agravadas; e logo aos estétas se seguiram os místicos, os que se extasiavam na contemplação de aparições divinas e não podiam perdoar ao liberalismo aferradamente económico que oferecesse o filtro amargo da sordidez a quem se alimentava da hostia sagrada do platonismo e por compleição adoecia e cho-

rava e se irava onde a não tinha, e muito mais onde a encontrava injuriada e profanada.

Pela voz de Gomes Leal, nas *Claridades do Sul*, o platonismo soltaria o seu belo e homérico lamento :

*Bem sei que hei-de morrer cedo e cansado,
Alguma coisa triste em mim o diz...
E vagarei no mundo, desterrado,
Como o Dante chorando a Beatriz.*

*Pelos reinos irei, talvez curvado,
Como um proscrito príncipe infeliz,
Ou como o índio palido e exilado,
Chorando o vivo azul do seu país.*

*Mas no entanto, ah! ninguém, ao Sol divino
Abrasou mais as asas derretidas
Ante as duras, ferozes multidões.*

*E ninguém teve as torres de oiro fino,
Aonde, quais princesas perseguidas
Morreram minhas doidas ilusões !...*

O libelo era formidável, e Camilo singularmente o avolumava com o longo e complexo artigo em que por intuição, e não por cálculo, muito mais por obras ingenuas do que por sistema meditado, a seu modo se queixava do desapêgo com que o liberalismo desconhecia e em grande extensão desrespeitava o nacionalismo nativo e constitucional do romancista e poeta.

Os que se afogueavam na demolição do liberalis-

mo aconselhavam-se e moviam-se e determinavam-se por ideias, principios, hábitos e costumes, nados e criados em terras estranhas, ás quais se concediam fóros de centros privativos da civilização. Política, moral, religião, filosofia e arte, se não careciam de originalidade em larga escala, certo era que podiam abonar-se e não deixavam de se abonar com antecedenças e recomendação de pregões estrangeiros, ouvidos por todas as capitais da Europa. Eça de Queiroz, por exemplo, génio entre os génios, manifestamente, seria de uma excelência cosmopolita. Atinge a universalidade que naturalmente esmorece, quando não apaga de todo a côr local, mesmo onde ela abunda. E é de notar que, sem dúvida por esse espirito de arte universal que o ilumina, Eça foi talvez o escritor português do seu tempo mais francamente louvado e traduzido em nações estrangeiras. As suas criações, de asas largas que lhes permitem dar a volta ao mundo, podem subsistir e viver, quási sem mudar de trajo, em todos os climas e continentes, se é que, erradias, não se deleitam mesmo na experiência da vastidão geográfica e a procuram, percorrendo todo o orbe, agora se internando em florestas virgens, depois perdendo-se nas encostas calcinadas da Palestina que Jesus calcou, em seguida aturdindo-se nos labirintos da cidade precipitada em prazeres e cobiça, para a-final repousarem silenciosas, vagamente idílicas e pastorís, nos aleantís das margens do Douro. E' que em toda a parte encontrariam certo subtil ambiente de valores entre si correspondentes, no qual respiram sua atmosfera, constantemente salutar e idónea na composição. Nenhuma das grandes cria-

ções de Eça teria sido tão desprendida, humilde e pouco ambiciosa que no character, na estatura e nas exigências se contentasse com os hábitos e moderados apetites dos buliçosos grilos caseiros friorentos que não se aventuram além dos doze palmos quadrados da lareira, e estarrecem e morrem se o seu lume se lhes apagou, sem embargo das graças singelas que os adornam, e da vida com cuja presença nos confortam, e do rumor manso com que animam as vigílias do inverno, e, em suma, de toda a beleza da sua própria pequenez, tanto mais esmerada e penetrante e clara quanto mais isenta de ambições e arrojos que a induzam em obscuridades.

Mesmo Ramalho, que entre os demolidores do liberalismo será o mais próximo parente de Camilo quanto ao culto do sentimento nacional, Ramalho teria sofrido de certa contradição íntima que em parte lhe mingua o poder de afirmação nacionacionalista e determina nos efeitos do seu apostolado hesitações e derivações que não só nos encaminham frequentemente para além das fronteiras mas, uma vez transportados a terras alheias, lá nos instigam afeições que não são fruto do nosso torrão. Até mesmo, quando Deus quiere, nos suscitam enfado das coisas e dos modos da nossa casa. Porque Ramalho, emquanto pelo epicurismo possante e robusta sensualidade ingénita sente a beleza das nossas coisas e da nossa gente e entranhadamente a ama, sem constrangimento saboreia as cozinhas francêsas e os seus acepipes, não lhe pesa trocar o carrascão da sarrabulhada destilado do mosto das nossas adegas pelos filtros da Champagne, que não pouco nos teria ensinado a apreciar, como

não lhe pesaria ler indiferentemente Molière ou Frei Luís de Sousa.

Na constelação brilhante a que pertenceu, quem guardou estreme, sem mistura, o sabor da terra que o criou, foi Camilo. Talvez por isso seja tão impróprio a tradução em língua estrangeira. E' que a sua obra, por isso mesmo que é franca e exclusivamente nacional, incapacitou-se para ser renovada em vibrações harmónicas onde não haja as realidades concretas que ela reflecte, quer nas formas e gestos da gente que a povoa, quer na voz em que entre si essa gente comunica. Quando a obra de arte se tornou em objecto privativo de um povo e da sua língua e se vasou em genuinidade de tal natureza, jamais tem tradução possível—como tradução possível não tem os olhos azuis em olhos castanhos, ou os cabelos pretos em cabelos loiros, ou o alabastro em basalto, ou o cedro em rosa e o diamante em fumo.

O pensamento de Camilo não podia conciliar-se ou sequer conformar-se com um pensamento e o modo de ser social correlativo que seguia de perto e divinizava os princípios da Revolução Francêsa, opondo à História a Razão e trocando a tradição pela invenção lógica. E entretanto a época de Camilo vivia na poeira da Revolução Francêsa, sem coragem de contestar, onde declaradamente não amasse, aquilo que foi a negação formal da legitimidade das fronteiras nacionais e a mais colossal tentativa de fusão de todos os povos em um molde universal e único de character e de vida que jamais se viu no mundo até áquella data.

«Há dois modos essenciaes de considerar a sociedade humana», diz um escritor nosso contemporâneo,

de reconhecido talento. (a) «Podemos considera-la como um agrupamento ecuménico de indivíduos fundamentalmente semelhantes, unidos por uma identidade quási absoluta de paixões e representações e que só a necessidade de garantir a pitação submete a condições variadas: ou então repartimos primeiro a sociedade em grupos rasgadamente diferenciados, cada qual entregue a uma actividade social, ao seu officio, à sua técnica, a costumes, preocupações e linguagem própria.» «A formação clássica inclina o espirito a não considerar no homem senão o que êle tem de universal; concentra a observação nos traços gerais das suas tendências; afasta os accidentes de costumes e condição. Assim, esta cultura desenvolve-nos mais profundamente a noção de que todos os seres são chamados a gosar de uma igual dignidade perante a intelligência contemplativa; é mãe do espirito republicano e da convicção democrática.» «Teremos de concordar em que, nos nossos países, os homens, pelo seu modo de ser, animam esta imagem clássica do homem. Vemo-los principalmente sujeitos à preocupação de nos apparecerem sob os traços mais gerais e os mais constantes da sua natureza.»

E depois de apontar os factos que demonstram a insistência dêste modo de ser universal, «parece, diz ainda o mesmo escritor, que poucas coisas haverá a dizer em favor da outra inclinação, daquela que, pelo contrário, se aproxima do homem pelo viés da sua especialidade. E todavia, se quero tirar uma faísca

(a) João Ricardo Bloch. *Sur un cargo* (Pariz; 1924,) Pag. 67 e 70.

dêste cidadão mergulhado no torpor dominical, basta que escolhendo a minha hora me aproxime dêle e lhe fale do seu ofício. Eis que logo acorda. Deixo de tratar com um amante desastrado, um pai ignorante, um eleitor espavorido; deante de mim ergueu-se uma personalidade rigorosa, segura de si, desembaraçada de toda a inquietação supérflua pela confiança que o seu valor profissional lhe dá.» «Muito bem o compreendeu a nossa época. Parece um pouco cansada de lidar com a abstracção Homem em a mudez da sua difinição escolástica. Percebe que o cidadão, tudo bem contado, não passa de um mito comparável ao da deusa Razão. Se queremos apreender o homem na fortaleza da sua competência e da sua dignidade, teremos de nos dirigir mais ao trabalhador do que ao marido, mais ao profissional que ao pae, mais ao técnico que ao eleitor.»

Mas a Revolução Francêsa e as sociedades que ela mais ou menos tingiu da sua côr, e nós fomos dos que mais a tomaram, a Revolução Francêsa e os seus filhos e afilhados é que não queriam saber de homens com formação especifica na sua profissão e na sua terra e nas suas tradições, sómente concebiam; os homens em uma descorada universalidade amorfa. Abstracta, fundamentalmente avêssa ás realidades históricas concretas, vividas e subsistentes nas sociedades; arrebatada em ideias matematicamente coordenadas, a Revolução Francêsa, mercê da difusão fanática que a caracterizou e moveu, desnacionalizou profundamente todas as comunidades em que conseguiu insinuar a influência. E essas nações de cujo govêrno mental e prático se apossou, fôram a-final as

de todo o mundo europeu, ou de europeus nascido; em diferente grau, é certo, e com diferente duração mas em nenhuma isentas de uma penetração profunda, foram abrangidas pela atmosfera da Revolução Francêsa as nações de toda a terra em que a civilização tem voz.

De quanta criação histórica achou diante de si representando o modo de ser próprio de cada povo nas instituições políticas como na arte, na economia e na moral e na religião, de todos esses elementos vitais e orgânicos das construções sociais fez tábua rasa a Revolução Francêsa, por amor de uma Liberdade, Igualdade e Fraternidade alçapremada em lei cósmica, e tanto impondo a unidade e universalidade dos direitos políticos e da constituição jurídica das comunidades como obrigando á invariabilidade do chapéu, da gravata e da japonsa.

Semelhante anulação total da personalidade singular das nações não tinha jeitos de vingar, manifestamente. Opunham-se-lhe os impulsos essenciais e ingênuos que haviam criado e especificado essas mesmas nações e eram o seu sangue, os quais impulsos, sendo diversos por natureza, diversa face e diversas inclinações e diverso aspecto concreto mostrariam e mantinham. Por isso, passada a hora de surpresa e conquista, passada a violência inicial da invasão, as forças naturais indissolúveis ressurgiram lentamente e acordaram, a exigir a restauração pouco menos de completa do seu antigo império.

Então, alastrou a vaga nacionalista, cada povo reclamando o direito e o bom gosto e a alegria saudável de ser o que é, como Deus e o tempo o fizeram.

E imediatamente, na reacção cujo ímpeto corresponderia á desusada energia do agravo, os *imortais principios* entraram a ser malsinados pelo *amor das nossas coisas*.

Nós que tão abandonadamente nos havíamos deixado envolver na vaga igualitária, de que a vaga nacionalista foi e continua a ser a ressaca, em incerta consciência e incerta sorte mas de facto activa, insistente e indubitavelmente poderosa, nós flutuamos lestos na ressaca em que Camilo surgiu á flor da onda como o mais brilhante dos percusores nacionalistas, e o mais de pronto feliz no êxito do seu ingénuo apostolado e na beleza e robustez das criações que interpretando-o disseminou em a nossa literatura.

Uma sociedade assim ressequida de teorias e silogismos e inteiriçada nas tenazes de rigidios sistemas como a que a Revolução Francesa architectou, não podia deixar de escandalizar um temperamento fundado na opulência ilógica da vida, como era o de Camilo, e apressado e apto por seus talentos a traduzir essa opulência em uma arte que tanto lhe ostentava os fulgores como lhe confessava iradamente as antipatias. Camilo nem sequer poderia talvez conhecer com perfeita clareza a génese do fenómeno de esterilidade estética contra o qual se insurgia presentindo-lhe os absurdos; para essa clareza careceria de certa identidade de tendências, certa penetração por affecto que a natureza totalmente lhe negára. O espirito frenético de realidades tangíveis não podia

compadecer-se com a presença de um castelo de fórmulas e abstrações, todo vazio de mobília que os sentidos lobrigassem. Para Camilo, o ser, todo o ser, era terreno e nominativo; não havia nomes comuns, todos seriam singulares e privativos.

O mundo tinha de ser todo traduzido em personificação e encarnação. Não havia o homem, e muito menos o cidadão, um favorito do seu tempo; porque cidadão era uma palavra muda, sem eco na esfera do visível e palpável. O que havia e na sua barafunda comunicativa o exaltava, era o enxame das figuras das cidades, feiras e romarias, cada qual com sua face e o seu estado e profissão e condição própria e específica—gente de varapau, açodada, falando alto e bracejando desordenadamente entre a vozeria, um painel das almas no purgatório, e cavaleiros montados em facasguapas, e o boieiro lento levando a rez à sogá, tendeiros, algibés, bufarinheiros, pregões brejeiros e vênus desbocadas, e morgados legitimistas de barbas até á cinta, e magistrados sombrios e pausados, vergando ao peso das sabedorias doutorais e das responsabilidades do bem público, e padres, muitos padres, muitos abades, e moças, muitas moças, campesinas e fidalgas de diverso coração e quadris diversos, tão meneados e ligeiros como o coração, e diversa fala. Não havia a pedra, coisa vaga, que a custo, só entre brumas, Camilo poderia conceber. Não tinha paciência para isso. O que para êle havia, isso sim, isso conhecia êle muito bem, eram os granitos musgosos, húmidos e escurecidos dos invernos, salpicados de mica que os estrelava quando o sol os fazia luzir nas paredes velhas do casal ou no muro

mal unido da corte e da bouça. E não haveria a arvore: havia os castanheiros da devesa arrelvada e a cerdeira da beira do atalho, matizada dos seus rubis, a tentar os bandos que corriam á cidade, a ver o S. Jorge, bamboleando-se hirto, com o escudo rútilo, no cavalo branco, na procissão do Corpo de Deus Real. E não havia a flôr, havia rosas e jasmims e lírios; e não havia a paisagem, havia os cêrros do Marão e do Gerez, e as ermidas das cumiadas, e os pinheiros e as carvalheiras das encostas e dos soutos, e os salgueiros do Cávado e os açudes espumantes das azenhas. E sobretudo não haveria a mulher, transsubstanciação rétorica mirrada para uso de ascetas empedernidos, corrupção criminosa do mais lindo corpo que o Senhor pôs na terra. Havia, sim, sob êsse nome,—e em ternura a contemplava— a rapariga que ao anoitecer êle avistára falando com o seu par debaixo da ramada, emquanto o pai não vinha do lameiro com os gados fartos do azevem pastado. Dessa rapariga sabia ao certo e via comovido os olhos de quebrantamento, e os cabelos desalinhados no lidar e a face só corada de um tímido rubor. E ouvia-lhe o murmúrio da sua voz, e ia repetindo o dizer de meiguice que jorrava dos lábios vermelhos.

Ramalho também encontrou e recolheu com amor por todas as províncias do país as criações da natureza e da história que para Camilo e para as exigências do seu espírito e dos seus sentidos constituíam a significação única do mundo e a razão suprema do afêrro com que lhe queremos; a intuição potente da sensualidade de Ramalho nem um só dêstes elementos primaciais da felicidade e da beleza da vida deixava

passar sem lhe pedir e sorver seu quinhão de alegria e no-lo denunciar, clamando que por nosso bem lhe seguissemos o exemplo e fôssemos com êle a beber na mesma fonte de rejuvenescimento. Como restauradores do sentimento e afeição da arte nacional na sua pureza e genuidade, Camilo e Ramalho ocupam lugar áparte entre os demolidores do liberalismo burguês, utilitário e mesquinho, todo absorvido em ganancias, apoplético de abundâncias económicas positivas, tolerando a arte por obediência a convenções herdadas que não se atrevia a contrariar francamente, emquanto em sua consciência reservada e acomodaticia teria essa mesma arte por vício, desperdício e luxo, aliás não só perigoso psicologicamente mas também parasitário e corrosivo das riquezas especiais dos armazens e das casas-fortes. Os outros dos demolidores do liberalismo que se votaram a pelejar pela felicidade dos homens e pela maior grandeza das nações cavavam em outros campos; muito particularmente se afirmavam em reedificações políticas e filosóficas. Na renovação do sentimento nacional, traduzido na formosura das nossas coisas e na reconstituição da nossa alma, Camilo e Ramalho é que iam na frente.

Haverá porém que distinguir no zêlo dêstes dois paladinos.

Porque, tendo a mesma fé, em dois altares diferentes ofereciam as orações. Sem embargo do affecto comum que os incitava, cada qual tinha a sua sensibilidade própria e a sua aspiração, das quais resultavam diversos modos de arte.

Para Ramalho, a arte nacional e a confirmação

no baptismo purificador que ela nos ministrava, seria sobretudo questão de forma e côr, um deleite singular dos sentidos em formas simples e em uma luz tola irisada de tintas definidas e abertas, e nenhuma outras. Camilo, porém, procuraria e fixaria de preferência o que na mesma perspectiva de ressurreição nacional era o caracter das almas e especialmente desenhava os seus movimentos mais vivazes. Era aí que mais de perto sentia e penetrava a sua terra e mais intimamente lhe queria; era entre essa floresta reverdecida dos velhos troncos pela sua imaginação que Camilo contemplava o tropel flamejante das iniciativas e desejos que a agitavam, aí seguia e distinguia para os repetir nas suas obras e pela sua voz os impulsos constitucionais da natureza e das tradições características do nosso povo, tornados orgânicos no correr das gerações e de continuo revelados em acção. Para Ramalho, a renovação do sentimento nacional iria topar em um quadro esplêndido e repousado como um poente de outono, em cujo deslumbramento se extasiava. Era um afago. Para Camilo, essa mesma jornada leva-lo-ia ao espectáculo lancinante de um drama ou ao desfastio olímpico de uma comédia, ora em soluços ora no riso lhe alvoroçando e comovendo o coração, entretanto nos comunicando a sua dor e o seu culto e o seu desdem, e nos soltando por igual as lágrimas e as gargalhadas. Era um combate.

Pressinto que, se a Camilo e a Ramalho dessem para pintar a mais airosa das nossas bilhas populares, Ramalho pinta-la-ia pousada na cantareira ou à beira da fonte, com sua grinalda dourada da giesta de maio a coroar-lhe a asa. Mas Camilo, certamente, preferi-

ria pinta-la no momento em que despenhando-se da cabeça da rapariga esquivava ao abraço atrevido do moço que a encontrava, a bilha caiu no chão e se fez em pedaços. Parece que Ramalho teria sido tão ávido de serenidade ática e harmonia e estabilidade quanto Camilo seria constantemente ansioso de conflitos que inflammassem o sentimento do drama infinito e do movimento incessante, ainda o mais cruel, que é toda a nossa existência. E como a tradição nacional vinha anchamente herdada destas duas modalidades e através de todas as compressões e desvairamentos as mantinha íntegras e latejantes, ambos Camilo e Ramalho, puderam saciar a sua diversa sede nas mesmas águas, trazendo-nos em diferente taça o seu abençoado refrigério e por uma dupla terapêutica contribuindo para a mesma cura.

O estilo de Camilo será o testemunho mais claro que êle nos legou da paixão de movimento que em toda a conjuntura o possuiu—uma tirania íntima de cuja vassalagem nunca, até á hora derradeira, se libertou.

Fundamentalmente afirmativo, de uma agilidade robusta, vibrado em pancadas de martelo tão breves como firmes, o estilo de Camilo não desliza, é cravado. As pausas ser-lhe-ão mais um tempo de breve inacção para concentrar a energia do ressaltado que momentos de repouso final, exigidos por desfalecimento da actividade ou determinados por decadência e mingua de força que o impeça de ir mais longe no desenvolvimento e acentuação da expressão. Sempre nos suscita a sensação de folgas da energia, sempre nos deixa na confiança de que a força dis-

pendida, sendo de continuo colossoal, é todavia uma parcela mínima das reservas de uma força latente infinitamente superior. Ao seu estilo é alheia toda a possibilidade de suspeita, que êle nos provoque, de extenuamento ou dissipação última e total. Vai em tal ímpeto e tão aturado que temos por segura a seqüência do rigor que o prolongará sem quebra de intensidade em que partiu e em que o tivermos presente.



Do romance Camilo passou á erudição.

Embora no seu primeiro aspecto e o mais superficial se possa ver em semelhante transição a instigação de um novo espirito, a derivação da actividade mental que renunciando ás liberdades fogosas da aventura as trocou voluntariamente pela subordinação aos rigores dos confissionários onde se ouve a verdade severamente demonstrada; embora em tal mudança se suspeite que a fantasia abdicou na escolástica, um momento de atenção menos fugidia não tardará a convencer-nos de que erudição e romance são apenas capítulos interpolados de uma mesma arte, mutuamente se completando, duas vias conjugadas da representação da vida, dois missionários afins de evocação das criações dos homens, quer essas criações se houvessem mostrado em um passado vivido concretamente nas coisas do mundo, quer se gerem e formem e palpitem em um presente sonhado e animado por impulsos da nossa imaginação.

Entre os dois visionários, o erudito será talvez o mais persistentemente abastado de aparições.

Na sua iniciativa originária, a erudição será apenas uma aspiração estética, e das mais belas e seguras, uma ansiedade de contemplação do tumulto dos homens e interrogando o; só por excepção a erudição prescinde dêsse alento que a acende, e é friamente promovida pela curiosidade da inteligência empenhada em alcançar conhecimentos meramente utilitários e averiguações de factos servindo exclusivamente á interpretação scéptica, destituída de affectos, das tendências e obras dos homens e das sociedades, ou destinadas a regrar cálculos de probabilidades das linhas de progressão da humanidade. A erudição virá do amor da vida e do extase da sua admiração e louvor, acrescentando e prolongando as realidades presentes pela ressurreição visível das realidades passadas, delectando-se na sua aproximação, de umas e outras unidas formando uma só vida, para mais conscientemente e de perto nos enlevarmos na revelação da sua perfeita unidade e integridade.

Note-se—o que é significativo de um paralelismo de propensões eloquente—com a legião dos demolidores do liberalismo, sequiosos dos conselhos da história politica e filosófica das nações, e descrentes da aridez racionalista revolucionária, coincide entre nós o recrutamento da legião igualmente nobre dos investigadores e restauradores da arte nacional, pleiade brilhante e fecunda da qual por simples exemplo e esclarecimento, colhido ao acaso em uma lista extensíssima, bastará lembrar os nomes de Joaquim de Vasconcelos, D. Carolina Michaelis, Martins Sarmiento, Gabriel Pereira, António Augusto Gonsalves, Sousa Viterbo, Leite de Vasconcelos, Filipe Simões, Vieira

Natividade, José de Figueiredo—e os seus pares, que muitos são e notáveis, e que agora deixamos de nomear porque a gratidão da pátria melhor do que a nossa incerta memória os tem em lembrança.

A revivescência da erudição acompanhando o movimento político e filosófico, todo eivado de tradicionalismo, ainda mesmo nas suas conclusões aparentemente tiradas de uma pura dialética, não foi um acidente fortuito de confluência. De facto, esse movimento aspirava a restituir e restituía à História o lugar que o liberalismo lhe roubava onde mais copiosamente a sua crença reformadora se deixava impregnar do espírito revolucionário abstracto, sectário fanático da Razão, despeitada da tutela do passado e doutrínaria e praticamente o ignorando; essa confluência da erudição e da política foi a lógica inerente a uma mesma religião que por instigação estética exigia uma restauração de valores preteridos e esquecidos em seu significado de beleza e correspondendo àquela restauração de igual natureza que em diversa esfera outros buscavam, por necessidade de corrigir condições sociais defeituosas. Derivada de uma experiência arrojada, que depois de ardentemente louvada não mantinha todas as esperanças de ventura da sua primeira hora, entrando a suscitar desconfianças e desenganos, a tentativa liberal parecia então a alguns de todo e absolutamente mal inspirada, em-quanto por outros era reputada infeliz, sómente pelas deficiências e cobardias de execução, todas reparáveis, no seu entender, se a experiência fosse até ao extremo da aplicação e da lógica dos seus princípios.

Assim também Camilo, por virtude de uma só

e única afeição, sem torcer caminho nem alterar o passo, e muito menos sem constranger o pensamento, iria indiferentemente, como calcando terreno homogêneo, da erudição ao romance e do romance à erudição, em qualquer dos modos achando a representação da vida porque as suas visões fervorosamente ansiavam, não só para alimento da sua sensibilidade insaciável de emoção mas também para a trazer aos nossos olhos atônitos, cedendo o romancista a certa febre comunicativa que o exaltava.

Na verdade, talvez sem maior abuso ou ingratição possamos dizer que os romances de Camilo são invariavelmente históricos, fundados em narrativa e crônica de coisas passadas; todos importarão erudição, porque todos, por instâncias da fascinação do tangível que o dominava veem de factos, pouco importante o dia e hora, próxima ou remota, em que êsses factos sucederam. Na mesma perspectiva os equipara, no mesmo horisonte se lhe ajuntam e alternam e se casam por inumeráveis vínculos, com igual relêvo representando idênticos estados da alma e das coisas, ou melhor, da *nossa* alma e das *nossas* coisas, que o seu nacionalismo ingénito e indeclinável só estas teria por subsistentes, só com estas formou e viu o mundo e o tirou do cáos.

* * *

Um dia, um amigo meu e fino crítico que conhecia de lés-a-lés a obra de Camilo, disse-me que a *Brasileira de Prazins* era o seu melhor livro.

Muitas vezes recordo essa indicação, preciosa

para mim pela autoridade que reconheço em quem ma deu, não me atrevendo todavia a confirmá-la nem a negá-la. A consciência da própria ignorância e insuficiência me proíbe de ter opinião firme em meio da vastidão que nem os meus olhos nem o meu estudo podem abranger em toda a sua largueza. Entretanto não me quedo tão cauto que no meu pensamento não glose a lição do mestre e, considerando-a, me guarde de imaginar que, se a *Brasileira de Prazins* não fôr por qualquer motivo o melhor livro de Camilo, será todavia e indubitavelmente, pelo menos, um dos livros em que o seu espirito e a sua arte melhor e mais completamente poderão observar-se em todas as suas faces.

Desde o seu lirismo nativo insubmisso que logo acode dorido a queixar-se onde o realismo brutal o fere, até ao seu realismo inexorável que nunca falta a castigar as demasias chorosas do lirismo onde êle se excede e resvala em puerilidade e pieguice, toda a alma e toda a arte de Camilo adeja naquelas páginas em que, na mais perfeita harmonia, de um só lance se concertam a História e a sua calma imperturbável, a ternura e as suas lágrimas piedosas, e a ironia e as suas terríveis vinganças de quantas baixezas a afrontem.

Começa a *Brasileira de Prazins* pela carta de Marta, toda vestida em lirismo, e imediatamente, dentro de breves folhas, uma satânica figura surge da terra e da sua sombra, nos distilando amargos mas fortificantes corretivos, e logo em duas linhas criva de rasgões o veu branco da noiva, e em vez de flores com que a coroe insinua-lhe no candido livro de

missa a apostila maliciosa que só por si, capazmente documentada e deduzida, poderia alongar-se em um grosso volume sobre os conflictos psicológicos e literários que tornam célebre a época de Camilo.

A carta diz:

«José, teu irmão, quando eu hoje saía da Igreja, onde fui pedir a Nossa Senhora a tua vida ou a minha morte, disse-me que eu não tardaria a pedir a Deus pela tua alma. Eu já não posso chorar mais nem rezar. Agora o que peço a Deus é que me leve também. Se não morrer, endoudeço. Perdoa-me, José, e pede a Deus que me leve depressa para ao pé de ti

Marta».

E logo os ecos do realismo ingrato nos distraem e vão repetindo que «a retórica é a arte de falar bem; mas os vícios são a arte de viver bem e alegremente. Assim se pensa, embora não se diga». «Como a exposição do reitor (de Caldelas) saiu muito enfeitada de joias sentimentais—detestável espécie arqueológica que ninguém tolera—faria (Camilo) quanto nele coubesse por, uma a uma, ir mوندando e refugando as flores de modo que as scenas dramáticas se exponham áridas, bravias como sêro de montanha por onde lavrou incêndio, sem deixar bonina, sequer folhinha de giesta em que imperle uma lágrima. A Aurora a chorar! de que tempo isto é! Como a gente, sem querer, mostra numa ideia a sua certidão de idade e uma relíquia testemunhal da idade da pedra!»

Por semelhantes ondulações do pensamento é que na *Brasileira de Prazins* ficou gravada toda a desenvoltura da dupla natureza de Camilo: — «as duas eternas torrentes do riso e das lágrimas», «as duas máscaras», «os dois segrêdos do seu génio», que Pinheiro Chagas aponta no seu prefácio do *Amor de Perdição*, e que Ramalho não desmente no mesmo lugar, achando a flutuar «em cada livro do insigne escritor a balada lírica do sentimentalismo apaixonado e o protesto amargo do panfletário insubmisso». Ali caminharão a par os dois homens que em Camilo são inseparáveis, o cavaleiro andante, caridoso e generoso, esforçado em remir da dor e da opressão e da ignominia toda a desventura e toda a crueldade e toda a cegueira do destino, e muito especialmente todas as agonias do coração, e o fundibulário infatigável, perseguindo sem dó e rijamente todas as misérias da estulticia e da mesquinhéz dos homens. Ali, e numa estreiteza de espaço cuja fecundidade psicológica é milagrosa e de continuo ondula como seára basta, ali, na mais agitada intimidade de efusões affectuosas e de brigas que as perturbam, ali se amam e se combatem, ao sôpro de vária sorte, a singeleza e a ingenuidade do moço que a morte arrancou cedo dos braços da sua amada, e a sordidez dos avaros que o cercavam, e a estupidez impenetrável dos frades exorcistas, e as pragas da gentalha dos becos e das tabernas, e os arrancos mortais de fidalguias arruinadas, e tudo o mais, que é infinito, de quanto cabe na fermentação tumultuosa de uma sociedade na qual uma ordem social aristocrática secular em fase de degeneração cedia à erupção e à violência de turvos

impetos democráticos, impacientes por cobrar e ampliar o seu quinhão na repartição dos bens da terra e disputando-os despejadamente.

Tudo isso vageia e refere-se naquela atmosfera de motejo a que o uso chamou a graça de Camilo—motejo de Hercules, sem dúvida, como convem à natureza que o alimenta.

Alberto Sampaio julgava, segundo lhe ouvi, que Camilo foi o último homem que teve graça em Portugal. Eu, todavia, salvo o respeito devido a tão illustre mestre, acrescentaria:—graça portugêsa. Porque, depois de Camilo, muita graça estrangeira se tem naturalizado e prosperado em terras nossas, leve, alada, e no fundo docemente cínica; mas aquela *graça portugêsa* que Carlos Duarte brilhantemente observou e compreendeu e finalmente estudou no livro com que sob aquele título enriqueceu as letras pátrias, essa graça que não é a graça indulgente e descuidada do humorismo inglês, nem a graça subtil e penetrante e pungente que nasceu da acerada ironia gaulêsa, mas é, sim, o reflexo da sátira juvenalesca, flagelando de frente e em nome de uma moral expressa ou tácita, sátira afirmativa, contundente e causticante de sua condição, fundando na força a beleza que as multidões lhe sentem e aplaudem, conforme o espírito que lhes assiste, pugnaz, derruidor, brigão, educado nas arenas onde os homens combatem com as feras, e nos anfiteatros onde a dialectica se compraz em atitudes ferinas—essa graça, na verdade, se não morreu com Camilo, adoeceu e velou-se, pelo menos, depois dêle, caiu no crepúsculo assás denso em que hoje a custo a encontramos, naturalmente porque envenenada pela

disseminação da indiferença e da inanidade moral que caracteriza o tempo presente, achou-se desbordada dos princípios, crenças e convicções imperativas que a fortaleciam e mandavam.

Se agora consideramos que esta graça antiga juvenalesca de que Camilo foi graduado e extraordinário sacerdote se associou no seu temperamento ao lirismo a que nunca renunciou, nem mesmo quando a vaga realista em todo o mundo parecia submergi-lo de uma vez para sempre, certo é e evidente que em Camilo temos consubstanciada a representação completa das duas modalidades fundamentais do carácter e do sentimento nacional, através de longos séculos se movendo entre dois polos — o lirismo enternecido vergiliano e aquela sátira robusta que nem em seus desdons despe totalmente a couraça catoniana.

* * *

Português por condição originária de nascimento e criação, fazendo obra de sinceridade impetuosa e nunca a prostituindo na impostura e no empréstimo, quando aliás os seus talentos facilmente o poderiam fazer resvalar nessa tentação vulgar dos homens de letras, Camilo esreveu em linguagem genuinamente portuguesa, como é sabido, corrente e incontestado.

Nem outra linguagem saberia ou poderia falar, embora as linguas estranhas conhecesse. Porque a espontaneidade indómita da sua arte e a necessidade de a afeiçoar à sua forma lógica correlativa, só a linguagem portuguesa lhe segredava e impunha. Não gozaria liberdades ou alternativas que lhe consentissem

afastamento da via marcada por fatalidades irremovíveis. Não tinha mesmo que estudar a língua, porque a sentiu e a intensidade do sentimento lhe tornou ociosa a investigação escolar. Não fabricou a língua, apenas a usou tal qual o passado lha havia legado e vasado no sangue. A língua, para Camilo, não foi o fruto de um propósito meditado, ainda que êle talvez o imaginasse; foi apenas o reflexo do ambiente que os seus sentidos e o seu espirito em todo o momento habitavam e respiravam.

Usou-a assim, nestes termos de obediência a poderes sobrenaturais indeclináveis; porque não podia deixar de a usar nesta sujeição. Intérprete de modos de ser tradicionais e gregais, nêles se integrando por dom natural e outros não conhecendo nem apeteendo, tinha de os exprimir, não em palavras e voz de sua invenção e capricho que estímulo íntimo algum lhe reclamava, mas na palavra e na voz congênicas daqueles modos de ser comuns. Não sendo sua a substância sobre que operava, senão pela intuição genial que a captava e movia, não podiam ser seus o revestimento e a vibração dessa mesma substância, a-menos-de a deturpar.

Aquilo que modernamente, com grande propriedade se chamou um «provador de palavras», o escritor de sentidos requintados, capazes de distinguir, explorar e manejar raridades e surpresas do dizer e subtilezas de composição que pela raridade e novidade assombram e cativam a gente enfastiada do ordinário e quotidiano, por mais seculento que êle seja—isso foi criação do depauperamento orgânico e vacinas morbidas adequadas que nunca entraram nas veias de

Camilo, mercê de uma heterogeneidade que revoltada as repelia e excluía onde quer que as pressentisse. Pelo contrário, é ele a negação prática ingénua de propensões semelhantes. Não fala línguas novas, fala unicamente e sempre a língua do tempo e das coisas e das relações em que se formaram e vieram ao mundo e no mundo subsistem na lembrança e na actividade presente, no todo ou em parte, íntegras ou fragmentadas e mutiladas, as coisas e as relações e as épocas que êle sentiu e quis significar e nos significou. Conforme a idade e o lugar de nascimento e baptismo e a geneologia da ideia ou do sentimento ou do facto que o tocassem e êle houvesse de nos traduzir e revelar, hoje será moderno e compreendido do primeiro caminheiro descalço e inculto a que na estrada se dirija e amanhã nos aparecerá antiquado, esquivo, difícil e aristocrático, só acessível aos familiares das bibliotecas e aos profissionais da cultura de belezas sibilinas; e apenas e sempre, em toda a conjuntura, é rigorosa e intrinsecamente actual.

Tão facilmente rebelde á rigidez das leis humanas, Camilo, em matéria de linguagem, de todo se abandonou sem hesitações nem reservas á lei natural que a regula, e nela se achou contente. Porque não há inventores ou sequer compositores de línguas, das antigas como das modernas, das arcaicas como das futurantes. Por mais altas que sejam as individualidades e os talentos que lhes ostentem o fulgor, línguas, quem as transforma e muda e constantemente as agita e adapta e renova é aquele mesmo mistério que as criou. E êrro e ocioso seria sonharmos a fundação de um dicionário e de uma gramática de Camilo

para uso e enfeite nosso e dos vindouros, como êrro e ocioso seria para o mesmo fim compendiarmos em extracto o vocabulário e a syntaxe de Camões, ou de Frei Luis d. Sousa ou de Bernardes; e ridículo seria cedermos á tentação e á mentira de as renovarmos em a nossa voz, dia a dia alterada e disciplinada durante séculos em novas e contínuas necessdades que os tempos lhe impõem. Quando essas línguas e a sua beleza houverem de se repetir e onde se repitam, será por força de afinidades do estado social presente e da nossa alma com a atmosfera que as gerou; por artificio nunca. Ainda no mais hábil, a ilusão e o constrangimento será patente e doloroso, pois logo a máscara se contrái em caricatura e nos adverte da traição. Esses homens que fizeram da língua um pendão bordado e resplendente tremulando ao sol, e Camilo entre êles, fôram os eleitos, os missionários mais instruidos, capazes e seguros de um momento histórico e da sua condição psicológica transitória; não são autores de leis, nem fundidores despóticos de moldes, nem pedagogos, aos quais havemos de jungir deformado o nosso pensamento e a nossa comoção, para assim violentados o definirmos e comunicarmos aos estranhos. Onde houvermos de os seguir, será á sua inspiração, que não á sua vontade efectuada, que havemos de nos confiar, será á mesma divindade que os guiou que havemos de pedir luz e conselho, e não ao vocabulário e á syntaxe de que se serviram que seus fôram e só nas suas mãos serão uma força,—instrumento concreto da sua arte, intransmissíveis onde transmissível não fôr o seu génio e a sua hora. Por ardente que seja a admira-

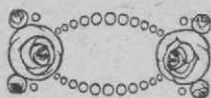
ção com que ergamos os olhos para o seu esplendor e por mais instante que possamos sentir a ansiedade de os igualar, alguma coisa proibitiva nos estorva o arrojo e a consciência, senão da nossa debilidade ao menos da nossa disparidade; por outras vias de nossa responsabilidade nos obriga a encaminhar-nos.

Êsses homens não criaram uma doutrina e um sistema pedagogico invariável. Em tão pouco não cabe o mistério do seu poder. Lição positiva, concreta, imperativa, se alguma nos deram e tem de prevalecer através de todos os tempos, foi a da lealdade afoita e imperturbável da arte—lealdade ao pensamento e á sensação que é a sua substância, e lealdade á forma lógica em que o pensamento e a sensação espontaneamente se hajam produzido.

Dessa lealdade foi Camilo um magnifico exemplo de franqueza e altiva independência entre a gente do seu tempo que falando português e disso se vangloriando, tão propensa se mostrava entretanto a abastardá-lo por insinuações das linguas estrangeiras, particularmente da lingua francesa.

Camilo, não; por energia própria isento de semelhante ingratição, salvando-se nos salvou cooperando na reacção do sentimento nacional deploravelmente postergado. Leal á sua terra e á sua gente por instigação singela do seu ânimo, não afastou das afeições a arte e leal a manteve aos murmúrios das fontes claras de que foi o éco. A linguagem de Camilo é apenas como a epiderme de uma unidade vital absoluta do espirito e da forma em todo o ser. E qualquer de nós terá uma linguagem tão bela e tão eloquente como a sua, não no dia em que a sua linguagem pretender

gaguejar em imitações cómicas, mas no dia em que a sua unidade de ânimo e expressão possuir e respeitar conscienciosamente.



bibRIA